ENSINO COLETIVO PARA CORDAS FRICCIONADAS: Um estudo de caso no curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal do Ceará.

Comunicação

GTE 03 - Educação Musical e Humanização

Amanda Helen Macedo da Silva
Universidade Federal do Ceará
amandamacedo.ufc@gmail.com

Liu Man Ying
Universidade Federal do Ceará
liuying@ufc.br

Resumo: A presente pesquisa busca compreender o processo de ensino e aprendizagem através da metodologia de Ensino Coletivo de Cordas Friccionadas na formação dos estudantes do Curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Ceará. Para o aporte teórico, utiliza-se YING (2007), QUEIROZ (2009), KOVÁCS (2010), entre outros para fundamentar as discussões sobre o ensino coletivo de cordas friccionadas. Para realização das etapas desse trabalho será aplicada uma metodologia de abordagem qualitativa através da observante, contando com as seguintes etapas para coleta e análise dos dados: análise histórica nacional do assunto, sequencialmente aprofundada no contexto da instituição, discurso dos estudantes durante o processo dos encontros, observações em campo de aulas ministradas pelos alunos da graduação em música da Universidade Federal do Ceará. Assim, espera-se que essa pesquisa possa contribuir nas discussões da área da educação musical e das aplicações metodológicas sobre o Ensino Coletivo.

Palavras-chave: Ensino Coletivo, Cordas Friccionadas, Licenciatura em Música.

Introdução:

Este trabalho busca compreender sobre o processo de ensino e aprendizagem na formação dos estudantes do Curso de Música através da metodologia do Ensino Coletivo a partir de observações etnográficas. Desde 2015, a Universidade Federal do Ceará utiliza o método de Ensino Coletivo para a prática instrumental, especialmente dos instrumentos da família das cordas friccionadas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo), com as Profª. Drª Liu Man Ying (violino e viola) e Profª. Drª Dora Utermohl de Queiroz (violoncelo e contrabaixo).

> O ensino coletivo de instrumentos, como metodologia, mostrou-se bastante eficaz ao longo dos anos de seu emprego, como forma de atingir um público maior no início de seu aprendizado musical, além de propiciar interação social, despertar maior interesse nos alunos iniciantes e incentivo para a continuação dos estudos através da dinâmica estimulante de classe de aula. (Ying, 2007, p. 8)

Esse método propõe uma abordagem onde diversos alunos conseguem assistir a uma mesma aula, trabalhando aquele conteúdo em conjunto e assim tendo momentos de socialização junto do estudo do instrumento. Assim, diante do contexto de estudo sobre essa metodologia, tem se mostrado eficaz em diversos ambientes formais e informais, alcançando Universidades e ocupando espaço na Academia, como exemplo a dissertação: O Ensino Coletivo Direcionado ao Violino, publicada em 2007 pela Universidade de São Paulo, de autoria de Liu Man Ying.

Ensino coletivo na Universidade Federal do Ceará: histórico, metodologias e abordagens pedagógicas utilizadas

1.1 Histórico do ensino coletivo de cordas friccionadas Universidade Federal do Ceará

No ano de 2015, a contratação de quatro professores instrumentais para o curso de música da Universidade Federal do Ceará, marcou o início dos trabalhos de ensino coletivo de cordas friccionadas realizados na instituição, com as professoras Liu Man Ying e Dora Utermohl de Queiroz.

> As novas disciplinas implantadas no setor das cordas tiveram a princípio pouca adesão dos alunos da graduação, uma vez que a universidade não oferecia os instrumentos e assim os alunos precisavam possuir o próprio instrumento. Na primeira turma de violino e viola da graduação que aconteceu no segundo semestre de 2015, havia apenas dois alunos de violino e um aluno de viola. Na turma de violoncelo e contrabaixo, havia apenas dois alunos de violoncelo. Nossa estratégia pedagógica para alcançar mais alunos da graduação e efetivar as turmas de ensino coletivo de cordas foi abrir turmas para a extensão e realizar as aulas da extensão junto às turmas da graduação, tornando as turmas mais numerosas e possibilitando a concretização das dinâmicas de classe que a metodologia de ensino coletivo de cordas requer. A grande procura pelos cursos de extensão permitiu que neste primeiro momento fosse criada uma turma com 22 alunos entre violinos e violas, 20 alunos de violoncelo e 1 aluno de

> contrabaixo. Muitos destes alunos eram alunos de outros cursos de graduação da UFC (Ying e Queiroz, 2009, p.1).

Um fator a ser considerado é o fato de o curso de Licenciatura em Música da UFC não aplicar o Teste de Habilidades Específicas (THE), fazendo com que grande parte dos alunos ingressantes nunca tenham tido acesso ao ensino formal e sistemático dos instrumentos de cordas friccionadas, por vezes de nenhum instrumento ou teoria musical, tendo o primeiro contato apenas no primeiro dia de aula na Universidade.

No segundo semestre do ano de 2015, a Universidade entrou em greve, se mantendo paralisada até o final do mês de outubro, acabando por interromper o processo de aprendizagem das turmas. Com o retorno às aulas, as professoras tiveram que replanejar o semestre, focando no primeiro mês nos exercícios preparatórios de tonificação muscular, coordenação e controle motor, compreensão e conscientização corporal para a adequação aos movimentos envolvidos no ato de tocar os instrumentos de cordas. Ao final do semestre, em dezembro, foi realizada a primeira apresentação do que viria a se tornar o grupo Orquestra de Cordas da UFC e futuramente Camerata de Cordas da UFC, além de se desdobrar em outros grupos, como o Grupo de Violoncelos da UFC e Ensemble de Cordas da UFC.

Em 2016 foi necessário realizar processos de revisão, não apenas dos conteúdos motores, mas do método utilizado no semestre anterior: All for Strings, além da adição do método Suzuki nos estudos dos músicos e a criação oficial da Camerata de Cordas da UFC, que começou a desenvolver um repertório pensado para o grupo, tanto técnico, com a Concerto em Sol Maior de Vivaldi, como popular, aceitando sugestões dos alunos e público para maior identificação. Foi criado o projeto Musicando no Campus, com intuito de angariar mais público e divulgar nos próprios *campi* da Universidade a existência do projeto, realizando concertos nos horários de almoço e intervalo entre as aulas, em diversos blocos e nos Restaurantes Universitários.

No ano de 2017 foi definido que a Orquestra de Cordas da UFC seria o grupo de base, recepcionando os alunos novos dos grupos de extensão e novatos no curso de licenciatura, tornando assim a Camerata de Cordas da UFC e o Grupo de Violoncelos da UFC os grupos de formação mais avançados, diversificando mais o repertório, com músicas regionais, de filmes e videogames. O projeto Musicando no Campus também teve seu desenvolvimento, levando os alunos não apenas para os campis centrais, mas também para outros lugares do estado, sendo renomeado para “Musicando nos Campi Interior”.

Os anos seguintes trouxeram média de 90 concertos anuais para a Camerata de Cordas, fora apresentações dos diferentes grupos adjuntos do mesmo, levando seus mais de 20 músicos em diferentes oportunidades artísticas. O Musicando nos Campi Interior visitou mais de uma vez os *campi* da Universidade, levando os novos repertórios, por exemplo, do

estúdio asiático de filmes Studio Ghibli. Os alunos da UFC (e extensionistas também) participaram de diversos festivais, como o Encontro de Cordas Flausino Valle, Eurochestries, Gramado in Concert, entre outros. Em 2020, com a pandemia, quase todas as atividades foram paralisadas, exceto as aulas instrumentais, que inicialmente eram feitas através da plataforma Meet, enfrentando alguns desafios.

> A maioria das plataformas de videoconferência com o Google Meet, o Zoom e o Microsoft Teams são feitas para voz falada, cuja extensão é muito limitada. A limitação na extensão da captação sonora de agudos e graves fazia com que os violinos nos agudos distorcessem e os graves nem aparecessem. (Ying e Alcântara, 2024, p. 3)

Outra plataforma utilizada durante a pandemia foi o YouTube, através da criação de um canal para auxiliar os alunos de licenciatura e extensão, com vídeo aulas de média 10 minutos guiando os interessados no conteúdo previsto para as aulas. Os vídeos foram gravados pelas professoras Liu, Dora e, também, por monitores das turmas da extensão, bolsistas dos projetos já existentes e que naquele ano contava com mais de 1.200 inscritos.

> Os alunos recebiam um cronograma com a sequência de aulas a ser seguida e deveriam praticar em casa. As eventuais dúvidas poderiam ser tiradas nos grupos de WhatsApp com os demais alunos ou diretamente com seus respectivos monitores. Os bolsistas/monitores foram muito dedicados nessa tarefa! No primeiro semestre de 2020, foram produzidos 40 minis vídeos para o canal do Youtube: Ensino Coletivo de Cordas Friccionadas UFC. No canal do Youtube, a programação das mini vídeo aulas seguiram o mesmo modelo da progressão dos conteúdos dos módulos presenciais, porém com a diferença de terem a quantidade de conteúdos mais diluída, por causa do tempo de cada vídeo que não ultrapassava os dez minutos de aulas, para que o aluno consiga fixar melhor o conteúdo, uma vez que na aula online a atenção do aluno é encurtada devido ao tempo de tela. (Ying e Alcântara, 2024, p. 4)

Com o retorno às aulas presenciais em 2022, foi necessário se fazer uma grande revisão com todos os alunos que já participavam dos projetos de licenciatura e extensão, para corrigir qualquer vício postural ou erros que poderiam ter passado despercebidos devido à distância. Em seguida, os repertórios foram reestruturados, revisados e reiniciados, agora com contribuição dos próprios alunos como arranjadores das músicas.

Durante esse período, os alunos que iniciaram o processo de aprendizagem através das aulas se tornaram monitores das turmas de extensão, obtendo experiência em sala durante sua formação acadêmica.

1.2 Métodos aplicados na graduação e extensão em cordas friccionadas da Universidade Federal do Ceará

Nas aulas de ensino coletivo de cordas são utilizadas metodologias tradicionais e consagradas como o All for Strings (vol. 1 ao 3), aliados a outros métodos, como Suzuki. Além destes, para os violoncelos são utilizadas algumas metodologias das autoras MENUCCI 2013 e QUEIROZ 2015, que preconizam o uso do polegar/capotasto e das técnicas estendidas na iniciação ao violoncelo.
Inicialmente são realizados exercícios preparatórios, para que os alunos consigam se acostumar com as novas posturas e movimentos sem gerar lesões, a importância de tais exercícios é postulada por diversos pesquisadores da área de fisioterapia e música, como Kovács:

> Os estudantes que recebem um treinamento de movimentos contam com uma vantagem incomparável: os principiantes adquirem as habilidades básicas necessárias antes de aprender a tocar; os alunos de nível avançado preparam a tempo cada técnica específica, por meio do qual progridem mais rápido e evitam lesões (musculares – nota da tradução); os músicos profissionais lidam com maior facilidade com as dificuldades de expressão e com as inibições e os amadores podem evitar muitos exercícios tediosos (Kovács, 2010, p. 11)[1]

Os conteúdos de teoria musical são ministrados em conjunto com os instrumentais, sendo vivenciados primeiramente na prática para em seguida serem definidas e

1

> Texto original: “Los estudiantes que reciben un entrenamiento de movimentos cuentan con una ventaja incomparable: los principiantes adquieren las habilidades básicas necesarias antes de aprender a tocar; los alumnos de nível avanzado preparan a tiempo cada técnica concreta, con lo que progresan más rápido y evitan lesiones; los músicos profesionales lidian más facilmente con las dificultades de expresión y las inhibiciones y los aficionados pueden ahorrarse muchos ejercicios tediosos.”

conceituadas. Esta sequência é baseada em ideias da teoria de aprendizagem musical de Edwin Gordon, que diz que:

> "no processo de iniciação ao estudo instrumental: Eu não faço menção às escalas musicais ou a teoria musical. Ambos (os conceitos – nota de tradução) são evitados no desenvolvimento das habilidades de audição. São os padrões, e não as escalas, que representam o conteúdo musical, e são estes padrões que conjugam naturalmente a audição com o contexto musical. Teoria musical deveria explicar para as crianças o que elas já são capazes de realizar, e não como fazer aquilo que elas já conseguem fazer. A teoria vem depois da prática." (Gordon, 2010, p. 18)

Após alguns meses de aprendizagem, os alunos são convidados a participarem da Orquestra de Cordas, com repertório simplificado que varia desde o erudito, para formar a base da técnica dos alunos, ao popular, gerando identificação com os participantes do grupo. São realizadas ao menos dois recitais ao ano, um em cada semestre. O primeiro mostra a evolução de cada uma das turmas, que escolhem um exercício ou música que estão aprendendo durante aquele processo, enquanto o segundo é um recital conjunto, onde todas as turmas tocam músicas juntas, adaptadas para o nível de cada aluno.

Além desses, outras apresentações e recitais menores são realizados durante o ano, com alunos tocando como solistas, acompanhado com piano ou a Camerata de Cordas da UFC, e também participando ativamente da comunidade da Universidade, tocando em diversos eventos institucionais.

Projetos de extensão Ensino Coletivo de Cordas da UFC - Violino e Viola e Claves de Fá: Ensino Coletivo de Cordas Graves: experiências vividas e efeitos em seus integrantes

No ano de 2025, foram realizadas observações em aulas dos projetos de extensão Ensino Coletivo de Cordas da UFC - Violino e Viola e Claves de Fá: Ensino Coletivo de Cordas Graves, onde os monitores das turmas ministram de uma a duas aulas por semana, na Universidade, nos campi centrais. Nesse mesmo ano houveram 1.246 inscritos no projeto, em turmas presenciais e online, adultas e infantis (que recebem crianças a partir dos 7 anos de idade). As aulas têm em média 1 hora de duração e contam com ao menos 1 monitor responsável, podendo ter mais dois monitores auxiliares na sala (que realizam revezamento entre si para as atividades). Os alunos, por passarem todas as aulas em conjunto, enfrentando desafios semelhantes, criam grande afeto não apenas pela turma, mas também

pelos monitores, realizando confraternizações durante o ano e se mobilizando para ajudar uns aos outros com suas dificuldades musicais e por vezes pessoais.

Além disso, foi realizada uma entrevista à 10 dos bolsistas atuantes no projeto, para buscar aprofundar os efeitos de não apenas estudar, mas também ministrar o ensino coletivo. Uma das questões iniciais feitas aos entrevistados foi sobre a primeira experiência dos mesmos no ensino coletivo, como eles se sentiram e como a metodologia se apresentou para eles inicialmente.

> *"Foi algo totalmente novo e surpreendente pela metodologia simples e fácil de entender" ENTREVISTADO A*

> *"Foi um pouco assustador, pois foi como bolsista, sendo também minha primeira experiência docente. Tinha começado a estudar o instrumento a pouco mais de um ano. Porém os bolsistas veteranos me ajudaram muito no início e com a adaptação ao ritmo do projeto." ENTREVISTADO D*

Alguns dos monitores, com uma média entre 20 e 30 anos de idade, atuaram não apenas como bolsistas/ alunos da graduação, mas também participaram como alunos da extensão anteriormente, surgindo daí o interesse em ingressar na carreira de docência musical; outra parte teve a experiência contrária, através do curso de música, conheceram o projeto e assim decidiram ensinar nessa metodologia nos instrumentos de cordas friccionadas. Todos os entrevistados relataram que terem experienciado a metodologia influenciou sua escolha de profissão, lhes ajudando a estruturar como desejam seguir após a graduação.

> *"O ensino coletivo me influenciou de maneira positiva, como professor, como músico e também como pessoa. Como professor por ter sido a primeira oportunidade de atuar a frente na sala de aula e ter tido a experiência de trabalhar com alunos de diferentes níveis. Como músico, ensinar aos alunos trás um olhar reflexivo para si, já que para ensinar alguém você tem que saber o que está fazendo, assim o seu estudo fica mais criterioso, o que fez eu progredir em meus estudos. Como pessoa, atuar com a música sempre envolve muito sentimento, e participar dos recitais de encerramento dos semestres vendo todos os monitores e alunos felizes em estar participando e saber que faço parte de um projeto tão grande e importante como esse, podendo contribuir com o crescimento pessoal de cada um dos alunos, me fez mais ainda ter vontade de continuar com este objetivo." ENTREVISTADO I*

> *"Quando entrei no curso de licenciatura em música, nem sequer tinha vontade de ser professora, porém ao longo da minha experiência como bolsista do projeto, percebi como a docência pode ser gratificante, e passei a gostar de dar aulas. Por mais cansativo que possa ser às vezes, é recompensador." ENTREVISTADO D*

> *"Me trouxe uma visão mais humanística e menos robotizada no sentido de, que no momento em que eu, aluno da graduação, estou nos meus estudos, eu tenho uma certa exigência técnica que eu me cobro e proponho a fazer, e por conta disso, boa parte do estudo se faz sozinho, sistemático e "automatizado", procurando um fazer apenas técnico, soar música, mas tecnicamente falando.*
> *Quando se trabalha o ensino coletivo, ele completa o outro lado do estudo, que é onde eu acredito, que nós realmente consolidamos o estudo, ao passar/traduzir para o aluno aquilo que está a estudar, e sai do foco de uma exigência técnica e se torna mais leve o estudo." ENTREVISTADO B*

Inicialmente, os alunos ingressam apenas como monitores auxiliares, observando e ajudando aqueles que se encontram nos projetos há mais tempo; porém aos poucos vão assumindo a frente de aulas, com turmas que vão desde 5 alunos à 50, o que inicialmente é uma experiência desafiadora.

> *"É bastante gratificante ensinar e perceber a evolução dos alunos, principalmente por se tratarem de aulas que se sustentam pela vontade de aprender dos alunos (no caso das turmas adultas). Também é bastante desafiador no sentido de experiência docente, pois mesmo que a turma colabore, é sempre preciso investigar aluno por aluno e descobrir a melhor forma de adaptar os conteúdos e metodologias para cada turma e indivíduo. Sobre os desafios, também são grandes com relação às turmas infantis, mas também é muito importante para nosso desenvolvimento como futuros professores." ENTREVISTADO H*

> *"Sensação de grande responsabilidade com o que eu transmito, e momentos de grande reflexão, após todo dia, você pensa e reflete sobre a sua atuação, baseado em o que você achou que fez certo, que não, que estratégia funciona, oque não, dependendo da turma X funciona e Y não, então é um grande aprendizado no qual você está em constante transformação de forma positiva." ENTREVISTADO B*

Outra questão trabalhada é se ministrar aulas no formato de Ensino Coletivo auxilia no estudo pessoal do instrumento, já que se não o mesmo, ensinam instrumentos semelhantes, os entrevistados discorreram formas que os alunos e as classes lhes fazem perceber coisas que sozinhos não conseguiam notar. Dos entrevistados, 90% relataram que se sentem mais confiantes tocando em aulas coletivas, onde tem a companhia dos colegas não apenas de curso e instrumento, mas também de outros, como o caso de aulas heterogêneas (diferentes instrumentos em uma mesma sala).

> *"Sim, com certeza. Pois consigo às vezes perceber e corrigir erros que não vi em mim mesmo, porém consegui enxergar no outro e aquilo despertar a consciência de se aquilo poderia estar acontecendo comigo também, e outra coisa é poder ter mais confiança no que estou fazendo, pois ter outras pessoas fazendo junto dá aquela sensação de coletividade mais forte." ENTREVISTADO J*

> *"Sim. Principalmente no começo ter uma turma que vai estar fazendo mesmo que você ajuda a ganhar confiança. Ao errar sempre pode ter alguém que acerte e ajude a perceber sem precisar de aviso, apenas pelo som, o que também diminui a timidez para tentar. Além disso, tocar em conjunto também é um motivador para tocar nossos instrumentos, pois geralmente eles acompanham uns aos outros." ENTREVISTADO F*

A última pergunta da entrevista pedia um relato dos monitores sobre sua memória mais marcante em sua trajetória com o Ensino Coletivo, em busca trazer à tona mais um dos efeitos dessa metodologia nos alunos e professores.

> *"A minha memória mais marcante até o momento, foi durante o recital de encerramento do primeiro semestre, que ocorreu na Faculdade de Direito. Foi um dia muito emocionante, pois pude ver a apresentação das minhas primeiras turmas. Para alguns alunos era a primeira apresentação, enquanto para outros já tinham certa experiência. E sentir que eu fiz parte do aprendizado deles, e que pude contribuir com o crescimento deles, fez cair lágrimas de emoção." ENTREVISTADO I*

> *"Acho que foi no meu aniversário no ano de 2025, os nossos alunos trouxeram bolo e salgados para comemorar, por mais que eles fizessem isso com outros monitores, eu me senti feliz e acolhidos por eles. Foi algo fantástico ver pessoas que você conhece a tão pouco tempo se importar tanto com você em uma data que você às vezes esquece." ENTREVISTADO G*

> *"Acredito que seja, minha atuação como professor ali na frente, os alunos relatarem que, chegam cansados do trabalho, da rotina, e boom, chega na sala de aula e fica mais leve, relaxado.*
> *E um relato de um aluno que falou que por mais que estivesse apenas tocando a nota Ré, ele em cima do palco foi uma explosão de sentimentos para ele." ENTREVISTADO B*

Análise dos Dados

Os dados apresentados evidenciam que o ensino coletivo, no contexto dos projetos de extensão, ultrapassa a função de mera estratégia pedagógica, configurando-se como um espaço formativo integral, que articula dimensões técnicas, pedagógicas, sociais e emocionais. A expressiva quantidade de inscritos e a diversidade do público atendido demonstram o alcance social do projeto e sua relevância enquanto ação extensionista.

A forte dimensão afetiva observada nas relações entre alunos e monitores revela um dos principais potenciais do ensino coletivo: a construção de comunidades de aprendizagem, como defende Paulo Freire: "[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (2014, p. 26). Ao compartilhar desafios semelhantes, os alunos desenvolvem empatia, cooperação e senso de pertencimento, fatores que contribuem significativamente para a permanência e motivação no estudo musical, especialmente em contextos voluntários e não obrigatórios.

No que se refere à formação docente, os relatos indicam que o ensino coletivo atua como um laboratório pedagógico, no qual os monitores aprendem a lidar com a heterogeneidade, a adaptar estratégias didáticas e a refletir constantemente sobre sua prática. O processo gradual de assumir a condução das aulas, aliado ao suporte dos colegas mais experientes, favorece a construção da identidade docente e reduz a insegurança inicial, transformando-a em autonomia e confiança.

Outro aspecto central é a relação dialógica entre ensinar e aprender, possibilitando um diálogo fundamental para a continuidade desses processos, pois como já advertia Paulo Freire: "[...] a relação educativa não pode ser uma via de mão única, de professor para aluno, pois é no diálogo que se humanizam os sujeitos" (2014, p. 89). Os depoimentos demonstram que o ato de ensinar impulsiona o aprimoramento do estudo individual, promovendo maior consciência técnica, escuta crítica e reflexão musical. A observação dos erros e acertos dos alunos funciona como espelho para o próprio fazer instrumental do monitor, corroborando a ideia de que o ensino coletivo potencializa aprendizagens mútuas.

Além disso, os relatos apontam para uma humanização do processo de formação musical, em contraste com uma prática excessivamente tecnicista e solitária. O ensino coletivo aparece como um espaço onde a música é vivenciada de forma mais leve,

compartilhada e significativa, contribuindo não apenas para a formação de músicos e professores, mas também para o desenvolvimento pessoal dos envolvidos.

Por fim, as memórias marcantes associadas a recitais, apresentações públicas e gestos de reconhecimento afetivo evidenciam o impacto simbólico e emocional da metodologia. Esses momentos reforçam o sentido de realização, pertencimento e propósito, tanto para alunos quanto para monitores, consolidando o ensino coletivo como uma experiência transformadora no âmbito acadêmico e humano.

Considerações finais

Essa pesquisa teve como objetivo compreender os processos de ensino e aprendizagem na formação dos estudantes de cordas friccionadas na realidade da Universidade Federal do Ceará (extensão e graduação). Dessa forma foi possível coletar, através das aulas assistidas e da entrevista, podemos concluir que a metodologia de Ensino Coletivo promove uma grande interação social, que permite com que os alunos e monitores não avancem apenas em seus instrumentos, mas também desenvolvam vínculos afetivos uns com os outros, e provoquem reflexões internas que lhes leva a ter uma experiência mais saudável e gratificante com seus respectivos instrumentos.

Ao estar rodeado de pessoas que estão aprendendo o mesmo que si em seu instrumento, o aluno se sente mais confortável para sanar suas dúvidas, que podem ser as mesmas do colega de turma, além de ter espaço para debater não apenas com os monitores, mas com os demais alunos da turma sobre os conteúdos.

Dar aulas para turmas coletivas, especialmente em ambiente estudantil, como é o caso dos projetos de extensão em cordas friccionadas, que permitem que alunos da graduação realizem esses trabalhos, fortalece a confiança pessoal e musical nos monitores, fazendo com que evoluam em seus instrumentos e profissão, os preparando para o mercado de trabalho de forma mais efetiva, garantindo algum tipo de experiência para esses futuros professores.

Diante disso, apresentamos as seguintes categorias sobre o processo de ensino e aprendizagem na formação dos estudantes:

1. Ultrapassa a função de mera estratégia pedagógica;
2. Existência de uma forte dimensão afetiva;
3. Contribui para a formação docente, os relatos indicam que o ensino coletivo atua como um laboratório pedagógico;
4. Centralidade na relação dialógica entre ensinar e aprender;
5. Humanização do ensino e das relações entre alunos e professores.
6. Metodologia que gera impacto simbólico e emocional nos participantes evidenciados pelas memórias marcantes associadas a recitais, apresentações públicas e gestos de reconhecimento afetivo.

Assim, espera-se que essa pesquisa realizada com os estudantes possa apresentar dados que contribuam nas discussões da área da educação musical e das aplicações metodológicas sobre o Ensino Coletivo, trazendo informações sobre os processos formativos dos alunos e seus impactos psicológicos e sociais.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GORDON, Edwin E**.** *Essential Preparation for Beginning Instrumental Music Instruction***.** GIA Publications, Inc. Chicago, 2010.

KOVÁCS, Géza; PÁSZTOR, Zsuzsa**.** *Ejercicios preparatórios para instrumentistas (método Kovács).* Editorial GRAÓ, Barcelona, 2010.

YING, Liu. *O Ensino Coletivo Direcionado no Violino.* Dissertação, São Paulo, 2007.

YING, Liu e QUEIROZ, Dora. *Implantação de Ensino Coletivo de Cordas Friccionadas no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará.* Fortaleza, 2009.

YING, Liu; ALCÂNTARA, Hayrles. O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS GRUPOS DE ENSINO COLETIVO DE CORDAS FRICCIONADAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ DURANTE A PANDEMIA COVID – 19. *In:* XVII Encontro Regional Nordeste ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), 2024.